

MEMÓRIA, AUSÊNCIA E INVISIBILIDADE

Zilá Bernd¹
Luciano Lunkes²
Mário Cezar Silva Leite³

INTRODUÇÃO

A proposta da presente edição é a de reunir textos que envolvam temas-tabu que foram ao longo dos anos invisibilizados, ou seja, apagados da memória social em determinados momentos históricos, como as diferentes formas de preconceito em relação a mulheres, negros, índios, judeus, homossexuais, imigrantes, estrangeiros, subalternos, membros de comunidades em situação de vulnerabilidade, entre outros. O preconceito produz apagamentos e ausências, tornando essas comunidades invisíveis; elas deixam de ser temas de romances, filmes, narrativas, sendo que, em notícias de jornal, só encontram espaço em crônicas policiais ou necrológios. O objetivo do presente número é mostrar como os estudos ligados à Memória Social podem tirar do esquecimento tais fatos, através da recuperação dos rastros (vestígios) memoriais, do rompimento do pacto de silêncio imposto por preconceitos e por regimes de exceção, correspondendo à (re)presentificação dessas ausências. Conforme Bernd,

aquilo que deixou de ser nomeado é assumido como inexistente. A memória da escravidão no Brasil, assim em outros países, foi rasurada, apagada e depois recontada de diferentes modos, a ponto de os próprios descendentes de escravos tentarem apagar os traços da negritude em suas consciências e até em seus cabelos, na tentativa de tornar invisíveis as marcas do passado e da condição de escravos de seus ancestrais as quais eram percebidas como estíguas (2020, p. 222).

O filósofo Platão, em *Teeto*, definiu a memória como a presença de uma ausência; assim, é através do exercício da rememoração que poderemos revelar a sucessão de ausências na história, na literatura, na política, nas artes, na gastronomia entre outros. Atualmente, os processos sociais, históricos,

¹ Universidade La Salle (zilabster@gmail.com)

² Universidade La Salle (llunkes@hotmail.com)

³ Universidade Federal do Mato Grosso (mcs1@terra.com.br)

linguísticos e culturais envolvidos na dialética entre a rememoração e o silenciamento vêm sendo discutidos e estudados sob diferentes prismas teóricos. Pesquisadores vinculados ao campo artístico e literário, por exemplo, têm se referido a essas questões através do conceito de “Poética da ausência” que, segundo Venturini, pode ser definida como “o modo de tornar presente o que não existe mais” (Venturini, 2017, p. 139). O escritor caribenho Patrick Chamoiseau (2016, p.51), por sua vez, chama atenção para a *falta fundadora* (*le manque fondateur*), remetendo ao “apagamento estruturante” que resiste a tal ponto que todos, inclusive artistas e escritores, acabam por assumir o apagamento, ou seja, a ausência, o desaparecimento de informações e de dados sobre determinado povo, etnia, ou narrativa que corresponda ao interesse dos detentores do poder em ocultar.

Outros campos teóricos importantes para essas discussões são os Estudos Culturais e as vertentes de análise do discurso de viés sociocultural. Nesses campos, encontram-se muitas reflexões sobre processos de exclusão, de invisibilização pelos enquadramentos. Na perspectiva da análise do discurso, Eni Orlandi (2009), por exemplo, afirma que as minorias são atravessadas pela memória e pela história, que lhes significam e produzem dizeres que perpetuam sentidos. Nessa mesma lógica, Fernando Catroga sustenta que narradores não são receptáculos vazios. Suas narrativas nascem “no seio de mente(s) já pré-ocupada(s) por dada formação histórica e por memórias sociais coletivas e histórias subjetivizadas e estruturadas pela estratégia pessoal do evocador” (CATROGA, 2015, p. 71).

Em determinadas produções culturais, como no cinema e na indústria editorial, por exemplo, a linguagem é utilizada para produzir e reproduzir relações de poder e de dominação, destacando-se, nesse contexto, o emprego de estereótipos para estigmatizar certos grupos sociais e suas identidades. Stuart Hall é um importante estudioso desses processos e, sendo assim, nos ajuda a entender a produção de estereótipos como ferramentas ficcionais potentes para invisibilizar e, também, para dominar. Segundo Hall, estereótipos têm o poder de evocar velhos fantasmas carregados de sentidos, pois conferem visibilidade apenas para as características capazes de posicionar certos grupos em lugares de desprestígio, invisibilizando e silenciando aquelas que poderiam tensionar esses papéis sociais. Embora não sejam excluídos dos textos de cultura, grupos representados através de estereótipos são vistos pelo viés de deformidades morais e físicas, as quais justificariam seus papéis de dominados. Biologia, classe e gênero se tornam as principais ferramentas utilizadas para produzir os

reducionismos da estereotípiã, que restringem identidades coletivas a uma essência fabricada, naturalizando diferenças, endossando as desigualdades que os têm historicamente mantido às margens e à mercê dos jogos de poder.

Entendemos que é somente mediante a adoção de uma nova gramática de representação que poderemos mudar o curso de erros do passado. Se é, de fato, o esquecimento, como sustenta Orlandi, que nos permite a ruptura, o recomeço, o ressignificar o outro, então é somente no dizer as coisas de outra forma que abriremos a possibilidade para a desmemória de certas identidades historicamente relegadas à estereotípiã.

É recorrente a presença de vestígios de uma gramática básica racial nos textos da mídia e do entretenimento, nos lembra Stuart Hall (1997). Nessa mesma faixa gramatical, outras categorias - como classe e gênero - são simultaneamente convocadas, garantindo a permanência destes dentro de seus espaços “originais” de funcionamento. Independente das intenções dos narradores, representações estereotipadas seguem deformando corpos, corrompendo espíritos, reprimindo vozes, remetendo certos grupos sociais às margens, impedindo seus acessos à grande partilha do social.

Queremos, com esse dossier, chamar a atenção para a persistência de certas narrativas da cultura que produzem e reproduzem representações deturpadas de identidades sociais, tornando-os paradoxos de presenças, na medida em que os projeta para as margens das grandes metanarrativas.

As representações de mundo são construídas a partir de certas escolhas, que priorizam determinadas memórias em detrimento de outras. Com o trabalho de enquadramento, emerge a noção problemática de centro e periferia. Embora o visível seja sempre dado a ver em um quadro, ele nem sempre é a totalidade daquilo que o olho de fato vê, decide ver ou é levado a ver:

Em meio aos problemas que apresentam a representação do mundo construída por determinado modo de representação, temos a maneira pela qual o representado é enquadrado (o visível) e o problema da representação do mundo entre o que é dado a ver e o que não vemos, ou seja, a relação entre o visível enquadrado e o não visível fora de quadro (MELO, 2008, p. 386).

Os enquadramentos são produtores potentes de matéria residual não-visível, descartada pelo olho via processo de focalização, que lança o excedente, tido como menos ou sem importância, para fora dos quadros. Longe de

inexistência, o não-visível pode, muitas vezes, implicar em mera ausência, ou, ainda, em presença anônima, incompleta ou desfocada.

É importante frisar que no cerne da invisibilização, consciente e nociva, estão gravitantes, em alguma medida, como visto acima, a “estereotipagem”, como “prática representacional” do outro (HALL, 2016, p.30-40). Está em pauta, principalmente nos objetos literários, que aqui nos dizem respeito mais diretamente, “o problema da relação da literatura com a sociedade” (LE GOFF, 1980, p. 122). Para o historiador, Jacques Le Goff, esta relação não é simples uma vez que “a imagem da sociedade que aparece na literatura (ou na iconografia /.../) mantém relações complexas com a sociedade global de que partem”. De modo geral, essas imagens são a um só tempo, “reflexão, sublimação ou camuflagem da sociedade real”. Se podemos considerar a literatura como “um espelho da realidade” precisamos, ao menos tê-lo como um “espelho deformante”, “um espelho sem estanho através do qual as figuras desaparecem, escamoteadas pelos fabricantes de espelho” (LE GOFF, 1980, p. 122). Rastreado, em textos sacros dos séculos V e VI, a inexistência, invisibilidade, dos camponeses¹, Jacques Le Goff descobre-os revelados em outras imagens que vão vinculá-los a “pagãos”, “*rusticus paganus*” “ligados ‘a velhas superstições camponesas’; “*servus peccati*”, “o camponês da Alta Idade Média é um monstro quase inumano /.../; “os *rustici* são luxuriosos e bêbados por excelência”; o “camponês é também o pobre, *pauper*.”. Por fim, o camponês, reaparece como “*rusticus*” “sinônimo de iletrado, /.../, a massa desprovida de cultura. /.../ um ser anônimo e indiferenciado, simples contraponto da elite militar e culta, principal fardo da igreja.” (LE GOFF, 1980, pp. 126-133)

Com o resumo, resumidíssimo, feito acima, buscamos configurar a complexidade dos temas, objetos e discussões que, neste número da Revista Textura, colocamos em pauta. A possibilidade de invisibilidades estarem embutidas em outras “visibilidades” é parte, sem dúvida, do mesmo processo de estereotipia que visa a negação do outro, constituindo-se de certo modo em uma espécie visibilidade de negatizada. Como se outra, mantém-se na conexão e na amálgama de duas negatividades. A do, em tese, “representado” e mais a do “representante”. Notem, para o universo cristão medieval poderia fazer alguma

¹ Nesse artigo, Os Camponeses e o Mundo Rural na Literatura da Alta Idade Média (séc. V e VI), o historiador explica através da relação literatura e sociedade as causas e consequências de apesar de ser um universo dominado pelo trabalho da terra, na terra e quase a totalidade da riqueza ser produzida pelos camponeses eles estão, são, inexistente na literatura do período. (Ver Referências finais)

diferença entre ser representado como “camponês” ou “pagão”, ou monstro “desgrenhado”?

Invisibilidades, estereótipos e racismos caminham juntos e são faces de uma mesma moeda. Poucas parecem ser as diferenças entre ser e estar invisibilizado por traz de outra visibilizada tão ou mais negativada. Nesse processo, observamos como discursos, práticas sociais e culturais, racismo, estereótipos e invisibilizações envolvem diretamente o dizer, o dito, estereótipos e racismos; enquanto o não dito, o dito de outra maneira se desdobra em outras visibilidades negativadas. A curiosa relação aqui é que nesses desdobramentos o “não dito”, ou dito de outra maneira, comporta-se como a metáfora. Uma imagem “ideal” que se propõe a “ocultar” uma imagem “real” tentando não revelar explicitamente a sobreposição das imagens. Uma figura de linguagem de comparação disfarçando-se de não comparação. Entretanto, para se garantir enquanto figura de linguagem, metáfora, ela só é ou pode ser ela mesma se revelar a comparação. É esse aspecto, essa “metáfora” o que chamamos aqui de visibilidade negativada. Na literatura brasileira pós-abolicionista um bom exemplo pode ser a imagem do “escravo fiel” o “eterno escravo”, trabalhada por autores como Graça Aranha e Coelho Neto; o “eterno escravo” era “incapaz de contribuir positivamente para o desenvolvimento da nação”, (BROOKSHAW, 1983, p. 16) embora a imagem de “fiel” tenha conotação positiva. Ainda com David Brookshaw, para os modernistas, o afro-indígena (o elemento exótico) era “o nativo”, “a sensação espontânea, mas não um ser humano de carne e osso para defender socialmente.” (BROOKSHAW, 1983, p. 84). Não podemos perder de vista que tanto o racismo como o estereótipo são também adeptos “da arte do falso elogio, da qual fazem parte o primitivismo e o exotismo.” (STAN, SHOHAT, 2006, p.46) E nesse sentido, em suas vertentes, num movimento sempre duplo revela “agressão” e “narcisismo; o insulto ao acusado é acompanhado por um elogio ao acusador”. As “categorias raciais” e podemos acrescentar aqui vasta gama de outras e tantas categorias, além de não serem “naturais” são “categorias narrativas engendradas por processos históricos de diferenciação.” (STAN, SHOHAT, 2006, p.p.45).

O cerne da questão é que estas práticas representacionais e processos históricos de diferenciação, vão moldando e amalgamando memórias individuais, coletivas e sociais como definidores absolutos de grupos, coletividades e individualidades. Stan e Shohat comentam que “o pensamento racista é tautológico e circular”; “essencialista, a-histórico e metafísico. Ele projeta “a

diferença através da temporalidade histórica: ‘eles são todos assim, e assim continuarão sendo.’”

A produção de presenças-ausentes que ainda ocorre em vários textos culturais se dá de várias maneiras, seja pela ocorrência de um nome cujo acesso não nos é dado ou através de um objeto que é dado a ver de tal forma que não se pode vê-lo de fato; seja pela escolha deliberada de palavras, que silenciam outras ou, ainda, pelo monopólio da palavra, que fala, indevidamente, em nome de outras vozes. Assim, embora presentes, indivíduos e grupos são silenciados e invisibilizados por certas estratégias da linguagem. Sem necessariamente retirá-los do alcance da vista, essas narrativas os empurram para fora dos quadros, confinando-os, por tempo indeterminado, na vala comum dos anônimos.

Contudo, se a ausência, em si, não se traduz necessariamente em inexistência como um fim, ela está sempre sujeita ao risco de vir a ser. Com o passar do tempo, afirma Melo (2008), o não visto pode levar a um desaparecimento derradeiro. O descarte insistente do olho pode levar, de fato, certas representatividades à invisibilização definitiva.

Com o presente dossier, propomos também uma reflexão sobre questões dos enquadramentos, que fixam certas minorias nas sombras silenciosas das margens.

BREVE APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

Nossa chamada teve uma boa acolhida, revelando sobretudo quatro grandes ausências da história, da literatura, das artes e da vida social. Os artigos podem ser reunidos em quatro subtemas, envolvendo invisibilidades e tentativas de torná-las visíveis: (1) *Invisibilização da literatura e das artes indígenas*; (2) *Representificação das religiosidades e da militância afro-brasileira na literatura*; (3) *Ausências e memórias de mulheres e sua condição de subalternidade e vítimas da violência*; (4) *Invisibilização de grupos de risco (homossexuais, mulheres e dependentes químicos silenciados pela bionecropolítica estatal*.

No primeiro bloco: *Invisibilização da literatura e das artes indígenas*, iniciamos com o trabalho pioneiro da professora Rita Olivieri-Godet, titular da Université Rennes 2 (Haute Bretagne) e do Institut Universitaire de France, convidada para o texto de abertura dessa publicação. Com ênfase para a análise das literaturas ameríndias do Quebec e do Brasil e seus processos para sair da invisibilidade e da inaudibilidade, Rita O.-Godet apresenta texto, em língua

francesa, intitulado “Représentations et voix amérindiennes; mémoire et historicité de l’espace des Amériques; retour sur un parcours de recherche”, estabelecendo um balanço de suas pesquisas dos últimos anos. Outro primoroso artigo é assinado por Larissa Lacerda Menendez e Isabel Cristina Teresa Taukane, da Universidade Federal do Maranhão (UFM), abordando a questão da “Arte Amatiwanã Trumai: mito, memória e resistência indígena”.

O segundo bloco: *Representificação das religiosidades e da militância afro-brasileira na literatura*, apresenta o artigo de Artur Cesar Isaia, da Universidade La Salle e pesquisador do CNPq, intitulado “Invisibilidades e visibilidades negras: construção discursiva da Umbanda na ficção literária de Lourenço Braga”, comprovando sua larga experiência na pesquisa das religiosidades afro-brasileiras. Esse trabalho é seguido pelo das professoras Lucia Regina Lucas Rosa e Cleusa Maria Gomes Graebin, ambas da Universidade La Salle/Canoas, trazendo a oportuna reflexão sobre as “Narrativas de protagonismos: memórias de mulheres negras na antologia *Olhos de Azeviche*”. Na sequência, Simone Ferreira Soares dos Santos e José Licínio Backes, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), discorrem sobre o tema das “Professoras universitárias negras militantes do Grupo TEZ: luta e resistência decolonial”.

Já o terceiro conjunto de textos: *Ausências e lembranças de mulheres e sua condição de subalternidade e vítimas da violência*, apresenta três estudos literários, focalizando a exclusão. O primeiro de Mariana Filgueiras de Souza e Eurídice Figueiredo, da Universidade Federal Fluminense (UFF), intitula-se “A representação da criada nas tragédias cariocas de Nelson Rodrigues”, enquanto Pauline Champagnat, da Université Rennes 2, dissecou a obra da conhecida autora afro-brasileira Conceição Evaristo, em “O resgate da memória cultural em *Ponciá Vivêncio* e *Becos da Memória*”. Concluindo esse bloco, Kelley Baptista Duarte Duarte e Cláudia Carneiro Peixoto, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), focalizam sua atenção na célebre personagem mítica do Caribe francês, Tituba, em texto intitulado “Nos rastros de Tituba: contribuições de Maryse Condé para pensar a colonialidade de gênero, injustiça epistêmica e memória social”.

A última parte: *Invisibilização de grupos de risco (homossexuais, mulheres e dependentes químicos silenciados pela bionecropolítica estatal)*, é composta por um único artigo que aborda o tema, outrora tabu, da AIDS. Assinado por Tiago Amaral Sales e Daniela Franco Carvalho, da Universidade Federal de Uberlândia



(UFU), o artigo tem por título: “The AIDS Memorial: histórias de amor, perdas e lembranças em pedagogias de afetos”.

Acreditamos que as questões ligadas à presente chamada: Memória, ausência e invisibilidade, foram amplamente discutidas através de abordagens que seguiram de perto a bibliografia sugerida, exemplificando de modo relevante e substantivo várias modalidades de temas que ficaram ausentes em nosso país e nas três Américas, apresentando também estratégias para reverter tal processo.

PALAVRAS FINAIS

O que se pretendeu iluminar, na presente edição, foram as tentativas por parte de historiadores, escritores e poetas da contemporaneidade de representificar todos esses silenciamentos que vêm sendo praticados ao longo dos tempos. O conceito de representificação do ausente foi elaborado pelo historiador português Fernando Catroga. Segundo o autor, que se vale de teses de Michel de Certeau, “as narrações do passado são equiparáveis às linguagens dos cemitérios nas povoações, porque procuram re-presentar (ou, dizemos nós, re-presentificar) mortos através de um itinerário narrativo” (Catroga, 2015, p. 55). Isso significaria que a historiografia exorciza a morte “introduzindo-a no discurso para criar [] a ilusão de sua não-existência” (2015, p. 55). O historiador português afirma, ainda na esteira de Certeau, em seu livro *L'écriture de l'histoire* de 1975, que “a convocação do objeto ausente congela e enclausura, à sua maneira, o mau gênio da morte e provoca efeitos performativos, já que marcar um passado é dar, como no cemitério, um lugar aos mortos; é permitir às sociedades situarem-se simbolicamente no tempo; mas é, também, um modo subliminar de redistribuir o espaço dos possíveis e indicar um sentido para a vida...dos vivos” (2015, p. 61).

Nosso objetivo, ao propor o presente número, foi o de fazer emergir o que Paul Ricoeur chamou de “os ausentes da história”, cumprindo o dever de pagar a dívida de nossa geração em relação ao passado. Queremos despertar com esses estudos o desejo de “revisitar, a partir do passado, os possíveis do presente” como sugere François Dosse (1996, p. 31).

Paul Ricoeur utiliza a expressão “representância” para designar “a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos” (2007, p. 289). De onde a importância tanto para escritores quanto para historiadores de saber recolher os rastros, os vestígios memoriais para o exercício da narratividade, desvelando as

vivências dos que deixaram tão somente traços, fragmentos que não foram registrados e que, portanto, não foram incorporados ao fluxo das narrativas.

Pensamos que, ao recordar as vozes silenciadas ao longo do tempo, nos constituímos como sujeitos, já que, segundo Catroga, “somente Mnemosine, divindade da memória, pode ligar o que nós fomos, o que nós somos e aquilo que seremos: os sem memória, ou os absolutamente anamnésicos (como em Funes, o memorioso, uma célebre história de Jorge Luís Borges), esses nunca poderão saber de si” (Catroga, 2009, p. 32).

Essas diferentes formas do esquecer e do lembrar poderão nos levar à enunciação de figuras de nosso passado mais recente ou mais remoto cujo protagonismo foi obliterado das páginas de nossos compêndios de história, de nossa literatura e de nossos jornais e revistas. Ao construirmos narrativas sobre essas sucessivas formas de invisibilização da vida de mulheres, negros, indígenas, estrangeiros e subalternos, estaremos nos reencontrando com nossa própria história e nos confrontando com a necessidade de que é preciso lembrar e esquecer para não repetir os mesmos gestos de apagamento e silenciamento de nossos antepassados e de alguns de nossos contemporâneos.

REFERENCIAS

AUGÈ, Marc. **Les formes de l’oubli**. Paris: Editions Payot & Rivages, 2001.

BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa (orgs.). **Memória social: revisitando autores e conceitos**. Canoas: editora Unilasalle, 2018.

BERND, Z. **Por uma estética dos vestígios memoriais**. Belo Horizonte: Fino traço, 2013. p. 47-55.

BERND, Z. Relendo a literatura brasileira contemporânea do ponto de vista da Poética da Ausência. IN: CURCINO, Alan; MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; OLIVEIRA, Maria Amália, orgs. **Estudos sobre Memória**. Leiria, Portugal: Instituto Politécnico de Leiria, 2020. p. 221-237. v. 2. Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/eseccs/wp-content/uploads/sites/15/2020/12/Livro-Volume-2-Ensaaios-sobre-Memo%CC%81ria.pdf>. Acesso em 26 ago. 2021.

BROOKSHAW, David. **Raça e Cor na Literatura Brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CATROGA, Fernando. A representificação do ausente. IN: **Memória, História, Historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015, p. 53-86.

_____ **Os passos do homem como restolho do mundo**. Coimbra : Almedina, 2009.

CHAMOISEAU, Patrick. **La matière de l'absence**. Paris: Seuil, 2016.

_____ **Contre les statues: les traces-mémoires**. In: **Traces-mémoires du baigne**. Guyanne: Editions CNMHS, 1993. (Collection Monuments en paroles)

DOSSE, François. Paul Ricoeur et l'écriture de l'histoire. **Cahiers de recherche sociologique**. N. 26, 1996. p. 1-33. Disponível em:

<https://www.erudit.org/fr/revues/crs/1996-n26-crs1517530/1002346ar.pdf>.

Acesso em 26 ago. 2021.

GAGNEBIN, J. M. Apagar os rastros, recolher os restos. IN SEDLMAYER, S.; GINZBURG, J. (orgs.). **Walter Benjamin: rastro, aura e memória**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013. p. 27-38.

HALL, Stuart. The spectacle of the Other. IN: **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London: Sage Publications Ltd., 1997.

Disponível em: <https://seminar580.files.wordpress.com/2015/04/hall-the-spectacle-of-the-other-pdf.pdf>. Acesso em 26 ago. 2021.

LE GOFF, Jacques. **Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Trad. Port. Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

MELO, Mônica S. de S. **Estratégias discursivas e representações numa publicidade de TV**. Letras & Letras, v. 24, n. 1, 15 set. 2008. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/emilia/Imagem%20e%20discurso.pdf. Acesso em 26 ago. 2021.

MOREIRA, Douglas Carlos de Paula. **O fantasma da palavra: a poética da ausência em *A menina morta*, de Cornélio Penna**. 2016. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21955/1/2016_tese_dcpmoreira.pdf. Acesso em 26 ago. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. Disponível em:

http://www.sergiofreire.pro.br/ad/ORLANI_ADPP.pdf. Acesso em 26 ago. 2021.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, v. 3, n. 2, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 26 ago. 2021.

_____ A gestão do indizível. **WebMosaica; Revista do Instituto Cultural Marc Chagall**, v.2, n. 1, jan.-jun., 2010. p. 10-49. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/15543/9299>. Acesso em 26 ago. 2021.

PRESSLER, Emily M. **Stereotypes in Contemporary Film**. Georgia: Georgia Southern University, 2019. Disponível em: <https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/honors-theses/425/>. Acesso em 26 ago. 2021.

RICOEUR, Paul. Representância. IN RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: editora da UNICAMP, 2007. P. 288-296.

SHOHAT, Ella; STAN, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

VENTURINI, Maria Cleci. História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência. **Interfaces**, vol.8, ed especial 2017, p. 127-145.